

'Só saio da presidência do Senado por impeachment'

Senador rejeita pressões por renúncia e garante que vai até o fim

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA -- O presidente licenciado do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), desembarcou no início da tarde de ontem em Brasília decidido a enfrentar o processo na Comissão de Ética, com um dossiê de cerca de 200 páginas em sua defesa e a disposição de arrastar o Banco Central para o banco dos réus. "Seria muito mais cômodo para todos se eu me retirasse, mas eu não nego nada", sentenciou com voz pausada, aparentando tranqüilidade. "E se querem investigar, que investiguem todos, não só a mim."

Foi neste tom que ele convocou o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), para uma conversa em sua residência particular no Lago Sul, assim que desceu do jatinho. "Quero começar a conversa tomando uma medida preventiva: você que tem sido amigo e leal, não discuta renúncia comigo", disse ao líder, pouco antes das 15 horas, em sua sala de estar. "Se querem me tirar da presidência, que o façam pelo impeachment, porque eu não tenho mais nada a perder em termos de imagem, principalmente a nível nacional."

Jantar -- Renan voltou ao Senado anunciando que Jader pede pressa nas investigações e faz questão de prestigiar o Conselho com seu depoimento. "Ele enfrentará as denúncias até o fim", resumiu o líder. Na conversa, Jader deixou claro que de nada valeria renunciar para "ficar desmoralizado, vagando pelos corredores do Congresso, como senador". E recomendou ao colega que mandasse cancelar o jantar que o senador Ney Suassuna (PMDB-PB) pretendia oferecer à bancada de senadores do partido, para dar espaço a um apelo coletivo em favor da renúncia.

Jader insiste em sua inocên-

cia no caso dos desvios de recursos do Banpará e espera prová-la com todos os extratos das contas bancárias n.º 52042391, do Citibank, e n.º 96650-4, da agência Jardim Botânico do Itaú do Rio de Janeiro, entregues ontem ao presidente interino do Senado, Edison Lobão (PFL-MA). Ele defende a tese de que o caso Banpará põe na berlinda o Banco Central, e não ele, e que seu processo pode envolver muita gente insuspeita nas investigações do Senado.

Refere-se ao ex-procurador-geral do BC José Coêlho Ferreira, que o presidente Fernando Henrique Cardoso acaba de indicar para o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar (STM), nomeação que depende apenas de aval do Senado. "Eu nunca nem vi este José Coêlho, mas ele assinou um parecer em maio de 1992, atestando que não havia como me vincular aos desvios do Banpará", diz Jader.

O parecer de Coêlho foi endossado por Francisco Gros, então presidente do BC que hoje está à frente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "E o

Armínio (Fraga, presidente do BC) também terá que explicar ao Senado porque o relatório do auditor Abraão Patrui foi recusado e ele mandou desarquivar o caso encerrado pelo Ministério Público do Pará, declarando-se irresignado."

O presidente licenciado do Senado diz-se convencido de que está diante de um complô político e que isto ficou muito claro desde que Fraga mandou desarquivar o caso Banpará. "Depois que eu enfrentei o homem que nem mesmo o presidente da República ousou enfrentar, não interessava mais a Fernando Henrique ter uma pessoa poderosa na presidência do Congresso", disse, referindo-se a sua guerra contra o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). "Principalmente", prossegue Jader, "sendo eu de um partido grande como o PMDB, que caminha para enfrentar o Planalto com candidato próprio na corrida presidencial de 2002."

**INTENÇÃO
É ATINGIR
BANCO
CENTRAL**